

Experiência artística no desenvolvimento de projetos de autonomia: possibilidade de resistência à repetição de significações

Ana Lúcia Gondin Bastos¹
Maria Elisa Rizzi Cintra²

Hannah Arendt (2003, p.15), logo no início de sua obra "A Condição Humana", lembra-nos que o idioma romano tem como sinônimos os termos "viver" e "estar entre os homens" (*inter homines esse*), da mesma forma que "morrer" é sinônimo de "deixar de estar entre os homens". A existência humana é um acontecer num mundo de tantos outros, qualquer recorte existencial feito na vida de um indivíduo revelará a impossibilidade intrínseca de um ser não marcado por uma sociedade, já que:

"... a produção do indivíduo isolado fora da sociedade - uma raridade que pode muito bem acontecer a um homem civilizado transportado por acaso para um lugar selvagem, mas levando consigo já, dinamicamente, as forças da sociedade - é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam juntos e falem entre si" (MARX, 1978, p.104).

Assim, o ser em sociedade, como aquilo que melhor caracteriza o existir humano, fica materializado não apenas na linguagem (como o exemplo latino nos mostra), mas no fato de que o anúncio da chegada de um novo indivíduo é para ele próprio, assim como para todos os que o cercam, o momento de inseri-lo em um mundo pleno de significados que, em larga medida, o configuram como daquela cultura. Esta é a condição básica que o habilita não só a viver no mundo, como a ser agente transformador do mesmo. Isto é o que faz Arendt afirmar: "O novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, agir" (ARENDR, 2003, p.17).

O desenvolvimento individual num mundo previamente habitado e repleto de referências, também é bastante explorado na obra de Winnicott. Este autor dá particular atenção à relação estabelecida entre bebê e mãe -aquela que o recebe, que o segura, presta os cuidados iniciais e, aos poucos, vai apresentando-lhe o mundo -considerando que esta é a primeira repre-

sentante da cultura na qual, e com a qual, aquele bebê vai viver. No dizer de Winnicott:

"Não podemos deixar de notar a necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionando cuidado ao indivíduo, bem como a necessidade de inserir-se num contexto que possa, de tempos em tempos, aceitar uma contribuição sua nascida de um impulso de criatividade ou generosidade. Todos esses círculos, por mais vastos que sejam, identificam-se ao colo, aos braços e aos cuidados maternos" (WINNICOTT, 1999, p.131).

O acolhimento deste bebê na chegada a um espaço completamente diverso ao intra-uterino, no qual ele se encontrava até então, marca importante momento para a sua organização: o encontro com o corpo materno. As primeiras experiências são de ordem sensorial, o encontro com texturas, temperaturas, ritmos, odores e sons. De acordo com Safra:

"O importante é que este caleidoscópio de sensações capacita a criança a ter um corpo, que paradoxalmente é a presença de um outro. Não é um corpo coisa, mas torna-se um corpo humano: é o soma com pegadas de alguém devotado" (SAFRA, 1999, p.74).

Este encontro inaugura o descobrimento de uma nova forma, particular e singular, de acontecer num mundo, mundo este que já existe, assim como constitui e é constituído por muitas outras subjetividades e que tem, também, uma dimensão histórica, espacial e temporal determinada.

É a partir dessa primeira relação com o mundo que o recebe, no qual passa a agir, e com o qual se constitui como indivíduo (dotado da dupla condição de ser e fazer), que os lugares e possibilidades de criação se ampliam e a capacidade de reconhecimento do não-eu começa a se estabelecer. Com isto ocorre o estabelecimento da terceira área da experiência humana: o que, para o observador externo se traduz num espaço no qual realidade interna e realidade externa coabitam, mas que não se resume numa nem na outra. Para o sujeito, esta terceira área se materializa como

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Contato: alugonbas@terra.com.br

² Psicóloga com Aprimoramento em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal de São Paulo. Contato: elisa.rizzi@gmail.com

espaço de leitura e expressão subjetiva do mundo, cuja compreensão vai ficando cada vez mais complexa:

“Tentei trabalhar na localização da experiência cultural; fiz essa formulação de modo provisório: ela se inicia no espaço potencial entre uma criança e a mãe, quando a experiência produziu na criança um alto grau de confiança na mãe, no fato de que ela não vai faltar quando da criança dela tiver necessidade” (WINNICOTT, 1999, p.20).

Assim, a capacidade desenvolvida de confiar no ambiente inaugura uma nova capacidade: a de poder distinguir-se do ambiente. Neste momento é criado um espaço entre realidade externa e interna, não sendo domínio exclusivo de nenhuma das duas, ao contrário, articula essas duas dimensões existenciais. Trata-se de um espaço potencial, no qual cessa a cansativa tarefa de distinção constante entre realidade interna e externa e, desse modo, o indivíduo pode criar, brincar. É aí, também, que toda a experiência cultural, artística e simbólica encontra seu lócus:

“A experiência cultural começa como um jogo e conduz ao domínio da herança humana, incluindo as artes, os mitos da história, a lenta marcha do pensamento filosófico e os mistérios da matemática, da administração de grupos e da religião” (WINNICOTT, 1999, p.19).

Nesse contexto, a expressão artística se traduz como possibilidade de abrir espaço para que sentidos possam ser revisitados, ampliados, transformados, numa **resistência à homogeneização de efeitos**, repetição de significações, em suma, à imobilidade de possibilidade de interpretação de uma história. O sujeito, ao expressar-se plasticamente, usa de sua espontaneidade e ao usar sua espontaneidade, aprende a se colocar como membro do grupo social e se desenvolve definindo seus próprios papéis.

A arte possibilita a construção de um cenário que prima pelo modo como são transmitidas e captadas as experiências afetivas, enriquecendo a vivência pessoal da experiência relacional do **aqui e agora**, colaborando para a percepção e para a compreensão da arte como expressão de valores de uma civilização.

“... a arte tem o papel de tornar o mundo digno de ser vivido, reencantando-o, tornado-o um lugar não apenas de luta pela sobrevivência cotidiana, mas um lugar de imaginação criadora, de sonho e de utopia. É fundamental reafirmar a importância da arte como impulso transformador de pessoas portadoras de uma nova visão do ser humano, capaz de elevar sua autoestima, de humanizar e emancipar o espírito” (FARIA; GARCIA, 2003, p.23).

É importante salientar que, quando falamos, aqui, em resistência ou mesmo em “reencantamento do mun-

do” referimos-nos à conduta social, afetiva e política que viabiliza reconhecer, como no dizer de Paulo Freire (1999, p.19) “que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro (...) é problemático e não inexorável”. Neste sentido, a resistência não se volta para um fechamento em si mesma, mas, inversamente, abre-se a um conjunto aberto e sempre renovado de possibilidades de trocas significativas com o mundo e das quais resultam transformações mútuas “é um complexo político-afetivo mediante o qual um sujeito constrói, significativa e criticamente, sua relação com o mundo que lhe é dado e, mesmo sob as condições que lhes são oferecidas, participa conscientemente do processo histórico” (cf. BASTOS, 2005).

Ainda na discussão proposta por Faria e Garcia (2003), a arte proporciona vivências da diversidade cultural e possibilita que nos (re)conheçamos nesse processo criativo. Afastando o etnocentrismo que nos conduz a visões estereotipadas do outro, incorporamos, pela arte, a nossa pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo. Ao passo que o indivíduo ao perceber a própria existência como lançado para dentro do mundo sem ser integrado num destino ou outro plano não-contingente; e na impossibilidade de explicar a própria finitude através de referências ao infinito ou categorias absolutas; vemos o desabrochar da condição humana ao mesmo tempo em caráter pessoal e intrínseco, que é a experiência subjetiva do princípio da incerteza, quanto nítida a inscrição em caráter coletivo e social da sociedade moderna, que é o não saber lidar com as questões mais básicas do ser humano. Para Abreu (2002 *in*: SANTANA, 2004), a Arte reflete a busca do homem na conquista de seu meio, seja ele urbano ou rural em qualquer momento histórico; registra os interesses, as especulações, o comportamento, as perspectivas, os sentimentos do homem em sua época. É a outra maneira de compreender a vida; é uma forma de organizar e espelhar a realidade; lida com os valores de belo.

Aqui chegamos ao que podemos chamar de projetos de autonomia, dos quais a percepção do mundo em termos originais, portanto a experiência artística (seja ela plástica, corporal ou intelectual), é elemento fundamental. Os projetos de autonomia constituem-se empreendimentos que somente na relação constitutiva entre sociedade e indivíduo, tem chance de sucesso e que se alimentam dos sonhos e das utopias quanto ao mundo que queremos construir. O sentido de liberdade, associado aos projetos de autonomia, desta forma, vincula o sujeito ainda mais à sua coletividade, ao invés de desvinculá-lo ou desresponsabilizá-lo das preocupações do grupo social do qual faz parte.

Acreditamos, portanto, que é possível entendermos como experiência artística toda aquela que oferece ao sujeito, apropriado de seu potencial criativo e senso estético, a oportunidade de organizar-se e de desen-

volver limites éticos, de resgatar e desenvolver sentidos a partir da sua produção, da análise de conteúdo e da contextualização, de ampliar as dimensões individuais trazendo oportunidades de quietude nos momentos intuitivos e de, por fim, refletir sobre a realidade física e social, individual e coletiva.

Referências Bibliográficas

- ARENDRT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- BASTOS, A.L.G. **Tecendo a trama das relações, dos afetos e dos sentidos nas práticas educacionais**. Tese [Doutorado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- FARIA, H.; GARCIA, P. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Instituto Polis, 2003. 2ª edição.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARX, K. Para a crítica da Economia Política. MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SAFRA, G. **A face estética do self**. São Paulo: Unimarco, 1999.
- SANTANA, C.L.A. **Avaliação de resultados em arteterapia**. Tese [Doutorado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. 279p.
- WINNICOTT, D. **Família e desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.